

As crônicas de Bill, o bardo

Luís Santos

As crônicas de Bill, o bardo

As crônicas de Bill, o bardo

Luís Santos

As crônicas de Bill, o bardo

Este livro é livre para ser circulado desde que nenhuma de suas partes seja alterada e qualquer referência seja feita da forma correta. Se algum contato quiser ser feito ou alguma contribuição comunicada você pode entrar em contato através do seguinte e-mail: luishdelgados10@gmail.com.

2015

Um agradecimento especial para Mila Buarque, minha atriz preferida e que primeiro sugeriu esse livro.

“Todo o homem é culpado do bem que não fez.”

Voltaire, **Le Siècle de Louis XIV.**

1. O mundo de Bill

Bill vivia em outro mundo. O mundo dele era um lugar semelhante ao que vivemos, mas não era o mesmo. Era mais ideal, um lugar de coisas certas. Contudo, o que é o certo? Bem, esse era o mundo de Bill.

Um contador de histórias, Bill era. Passeava do lugar onde estava para lugar nenhum, com local de partida, mas sem nunca lugar de chegada. O vento lhe guiava e onde batesse mais forte no rosto, Bill sempre sabia que era para onde deveria ir, isso porque ele procurava a felicidade e eram em coisas assim que ela estava. Talvez, no fundo, fosse sempre esse o lugar de chegada de Bill, a felicidade.

Nesse livro, Bill escreveu nove pequenas crônicas do seu mundo. Não são as melhores, muito menos as piores, mas são histórias. Histórias que podem ser lidas, histórias que podem ser entendidas. Seja bem-vindo, caro leitor, ao fantástico mundo de Bill. Ah, só um último aviso, o mundo de Bill nem sempre é um lugar bonito.

2. O pássaro passageiro

E naquele nublado, o pássaro brincava no ar. Voava alegremente, até avistar uma árvore que chamou sua atenção. Em um dos galhos ele parou e ali ficou um tempo. Tempo suficiente pra descobrir infinitos entre um e dois. Tempo suficiente pra sentir melhor o que aquele lugar tinha a oferecer aos que paravam um pouco. Depois disso ele começou a cantar e todos os que ouviram poderão dar testemunho de quão bonito era o som que saía. O som ficou ali ainda algum tempo pra cumprimentar alguém que tivesse se atrasado. Ficou até que um vento soprou o cantor. Quando esse abriu os olhos, viu o sol. Ele sabia exatamente o que aquilo significava. Era hora de voar novamente e aproveitar agora os raios de sol.

3. A casa da felicidade?

Quando encontrou o olhar naquele dia, foi diferente. Parecia que tinha aberto uma porta e entrado em um novo lugar. Havia uma sensação de branco naquele recinto que a porta guardava, apesar de nada ter conseguido ver lá. Aquele lugar, parecia que não se via com os olhos. Contudo, algo ele emanava. Parecia que ele conseguia reunir felicidade que você já havia sentido na vida e te dava a chance de senti-la novamente. Seria ali a casa da felicidade? Na verdade, não é muito bonito essa mania chata de querer dar nomes às coisas. Por tudo que é, aquele lugar merece mesmo continuar sem nome, combina mais com ele.

4. O enterro de Janadete D.

Janadete D. o próprio enterro assistia. Como? Ninguém sabia. A hora marcada chegava, mas ninguém aparecia. Quando a hora se deu, um tablete apareceu. Todo apagado, ele andava a passos lentos. Um notebook comovido, em seguida compareceu. Quando o celular chegou, amparado precisou ser. Apareceram ali ainda os fones de ouvido e carregadores. O celular foi para o lado do corpo e acendeu, esperava que ela fosse tirar uma foto: “No meu enterro”, contudo, isso não aconteceu. Certo momento, juntos apareceram, Wi-Fi e 3G. Todos que ali estavam, um “oi” foram lhes dizer, afinal eram os melhores amigos dela que haviam chegado para um último tchau dizer.

Cinco minutos depois, todos que ali estavam, juntos saíram. Janadete esperou, mas nenhum alguém de fato apareceu e embora ela foi também. Ao passar por si, viu a frase que seria colocada para dela lembrarem. Estava escrito: “01”. Apesar de extremamente triste, ela sabia que descrição melhor não haveria. Sabia que tudo que ela fez, no mundo real não passou de 0 e 1.

5. Aueioui

Aueioui era um guerreiro. Ele costumava dizer que o tempo que salva o que é bom enquanto quer, não para de andar pra frente.

Naquele dia, Aueioui estava sentado. Ainda tinha a espada na mão direita e o escudo na esquerda. Apesar disso, a espada não estava erguida como outrora. Ela tocava o chão sem muita força. Aueioui sabia que os inimigos estavam dentro dele. Estavam dentro. Então, não havia necessidade de brandir a espada. O escudo, esse sim, continuava bem erguido. Ele sabia que ainda sim podia se defender e o escudo naquela posição não deixava ele esquecer disso.

A magia que tinha atingido Aueioui dois dias atrás, de início parecia não ter efeito nenhum. Mas quando o tempo foi passando, ele soube que estava terrivelmente em apuros. O que se instaurou nele, agora já era torturante. Ele resistiu bravamente. O começo ainda foi um pouco fácil, mas depois... precisou arrumar forças de onde não tinha. Foi desesperador, os olhos rodaram algumas vezes em suas órbitas, mas havia uma esperança. Ela surgiria daqui a um dia. Ele manteve-se vivo. Se apoiou naquilo. Contou as horas, mas na hora que parecia ser a salvação, ela se desfez em suas mãos. Caiu delas como um monte de areia que desliza entre os dedos procurando voltar pro chão. Ouviu-se um daqueles gritos altos de desespero, mas ouviu-se de forma surda. Houveram lágrimas que não caíram pra fora, mas correram pra dentro. Houve desespero do tipo que não vê fim. Não haveria amanhã por muito tempo e ele carregou o peso disso.

6. A Princesa de Kassotre

Quando minhas mãos encontraram seu rosto aquela noite, elas sentiram um gosto doce. Talvez aquilo seja o sabor doce de verdade. O ar ficou leve e então o silêncio falou. Falou baixinho no ouvido da princesa e suavemente ela assentiu. Então ela levou a cabeça pro meu ombro. Ali fez morada. Ah! a sensação de ser casa, é como ser forte como um tijolo e leve como uma pena.

Contudo, como a maiorias das histórias de amor, às vezes falta amor. Nem todos sabem amar. Em Kassotre, as coisas não foram muito diferentes. As estrelas são testemunhas de que eu tentei, mas a Princesa de Kassotre preferiu a sua realeza. Preferiu os brilhos de sua terra de mar grande do que seguir minhas aventuras de origem, mas sem destino. Talvez um dia, ainda que cedo, seja tarde demais.

7. A sombra que não se via

Um dia eu vi uma sombra que o resto da caravana não viu. Ao chegar perto dela, da minha boca saiu:

- Oi, eu sou Bill. Quem é você?

- Eu sou uma sombra do mundo – ela respondeu.

- Por que só eu vejo você? – Perguntei.

- Não só você me vê, mas o ouro é mais bonito, o ouro eles querem ver. Só lhes posso sorrir. Nada mais tenho a oferecê-los. Não poderei ser deles. Por isso eles não conseguem me ver.

- Por que eu vejo você?

- Você tem a resposta.

- Tenho? Ond... – quando eu ia continuar a falar, ela me interrompeu.

- Eis a minha hora, jovem andarilho. Se apresse para sua caravana não perder.

Concordei com a sombra. Quando ela estava indo, ofereci meu casaco e disse:

- Tome. Quem sabe assim mais gente consegue lhe ver.

- Grato sou. Que mais sombras tenham a sorte de seu caminho cruzar.

A sombra o casaco pegou e seu caminho continuou.

8. O lobo solitário

Em um dia, no cume da noite, em terras distantes, o sono não me achava. Fui à janela e ao olhar pra fora, embaixo da lua cheia, nas montanhas, fumaça havia. Saí. Lá fui. Quando lá cheguei, um homem avistei, estranhamente, não foi eu que falei.

- O que tão longe procuras? – perguntou o homem que estava sentado ao lado da fogueira.

- Quem habitava essa montanha. Meu nome é Bill e o seu?

- O lobo solitário aqui está com você.

- Por que você vive aqui longe da cidade? – perguntei.

- Por que você não tá lá na cidade? – o lobo replicou.

- Não conseguia dormir. Vi a fumaça e resolvi ver o que era. – respondi. Em seguida o lobo respondeu minha pergunta.

- No fundo, não sou como os humanos que moram na cidade. Apenas aprendi a conviver com eles. No começo é simples fazer isso. Eles criam uma forma de viverem juntos. Para isso, inventam várias regras. Eles se juntam e dão vida à uma pessoa inexistente, a sociedade. Fazem dela, ainda que inconsciente, a defensora dessas regras. A cada necessidade, novas regras. O único problema é que nem sempre são as mesmas pessoas que ditarão as novas regras da sociedade. As antigas pessoas morrem e as novas não se preocupam a fundo com o que já diziam as regras antigas. Assim, criam regras contraditórias e eis que surge o grande problema, muitas vezes não desfazem as regras antigas. A sociedade se torna hipócrita. Luta por regras que se chocam e não consegue notar isso. Contudo, o mais impressionante é que as pessoas, por causa da necessidade de viverem juntas, aceitam que sua própria criação mande nos criadores, mesmo que a criação esteja passando por cima de uma regra antiga. Por um tempo ainda vivi com isso, mas depois vi que não precisava. Então, saí de lá.

- O que você quer dizer com não sou como os humanos? – perguntei. Quando fiz isso o homem virou de costas, foi andando para dentro das montanhas e na minha frente se transformou em um lobo de verdade.

- Quero dizer isso. – e assim o lobo partiu.

9. A melodia saudosa

Um dia, distante de casa eu estava
Enquanto andava, isso lembrei
A lembrança caminhou
E naquela época aterrissou

Talvez, as coisas certas da vida
Terminem naqueles dias longínquos
Que ainda eram de tamanho menor

Ali, felicidade plena existia
Querubins eram mais rosados
E os demônios mais odiados
Hidras estavam somente em livros
Fim de jogo só nas fitas
O amor reinava porque só se sentia

Um rosa borrava essas imagens
Um sentimento bom surgia
Viver preso nelas era um sonho
Sonho de quem saudade sentia

O mundo real, contudo, aquele não era
Já era hora de voltar porque o mundo é o agora
Naquela lágrima carona peguei
E para esse mundo eu voltei

10. O canto final

E no fim, outra vez cantei:

Ainda que não queiram além do nariz ver
É incrível como eles não enxergam
O quanto do mundo foi salvo
Por aqueles que eles não querem saber

Que medo eles tem? Algo perder?
Cuidado tenham
Com essa cegueira seletiva, não é fácil viver
Se perde o controle da vida sem nem perceber

